



As cidades, seus fragmentos e a cultura material

MÉTIS: história & cultura





Invisibilidade, memória e poder: a identidade imigrante e a construção da paisagem da cidade – Rio Grande (RS)

Invisibility, memory and power: the immigrant identity and the city landscape – Rio Grande (RS)

Beatriz Valladão Thiesen*

Resumo: Este trabalho tem como temática a construção da paisagem rio-grandina tendo em vista a multiplicidade de grupos sociais que estão na base dessa construção, bem como procura as distintas formas tomadas pela paisagem em seus aspectos físicos, sociais e simbólicos, buscando suas relações com diferentes grupos que participaram da sua construção no bojo do processo de constituição da sociedade capitalista local. A pesquisa focada na construção das paisagens, imersas no domínio das relações de poder e da construção de memórias, permitiu compreender aspectos da construção, manipulação e representação de identidades neste momento de instalação do capitalismo na cidade.

Abstract: This work approaches the thematic of landscape construction in the city of Rio Grande, taking in account the multiplicity of social groups that formed the basis of this construction, and search for the distinct physical, social and symbolic features embodied in the landscape due relations established among the different groups involved on the emergence of the local capitalist society. The research, focused on the construction of landscapes immersed in the field of power relations and the construction of memories, allowed us to understand aspects of the construction, manipulation and representation of identities at the dawn of the capitalism in the city.

Palavras-chave: Arqueologia do capitalismo. Paisagem. Memória. Poder.

Keywords: Archaeology of capitalism. Landscape. Memory. Power.

* Professora Adjunta no curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Rio Grande (UFRG). *E-mail:* beatrizthiesen@yahoo.com.br



Foi no âmbito da construção de memórias (e identidades) e do fenômeno da naturalização da cultura e suas implicações no campo das relações de poder, que esta pesquisa iniciou. O desenrolar deste estudo nos levou a estabelecer o foco na construção da paisagem urbana da cidade de Rio Grande.

Considerou-se fundamental observar a multiplicidade de grupos sociais que está na base dessa construção e procurar as distintas formas tomadas pela paisagem urbana, em seus aspectos físicos, sociais e simbólicos. Procuramos analisar as relações das paisagens com diferentes grupos sociais que participaram da sua construção, no bojo do processo de constituição da sociedade capitalista local.

Acreditamos que o estudo das paisagens deve possibilitar o acesso a elementos materiais e simbólicos-chave para uma discussão sobre identidades na cidade de Rio Grande. Nesse sentido e seguindo Bender (2002, 2006), não se pretende aqui definir uma paisagem, mas utilizar o conceito de paisagem como um meio para analisar identidades sociais.

Rio Grande é uma cidade situada no Brasil meridional, na barra da lagoa dos Patos. Trata-se do único porto marítimo do Estado do Rio Grande do Sul. Como área intensamente disputada por Portugal e Espanha, foi estabelecido um povoado na margem direita do canal com a finalidade de garantir a posse do território pelos lusos, no ano de 1737. Tal povoação foi iniciada com a instalação de um forte, configurando-se numa ocupação militar. Foi apenas no século XIX que a pequena vila transformou-se num núcleo comercial importante, devido, principalmente, ao estabelecimento de estâncias de produção de charque, a partir de 1780. Os produtos gerados na pecuária sul-rio-grandense, que abasteciam o mercado interno brasileiro, passaram a ser comercializados pelo porto de Rio Grande, gerando uma intensa atividade mercantil-marítima, que atraiu empresas comerciais de várias partes do mundo e criou uma nova dinâmica social relacionada a esse comércio. A pequena vila de origem portuguesa, de finalidades defensivas, tornou-se uma cidade cosmopolita no fim do século XIX e início do século XX, com um porto extremamente ativo, cujo encontro de imigrantes de diversas origens com a população local estabeleceu novas formas de relações sociais.

O discurso hegemônico da atualidade conta que os portugueses e seus descendentes imaginaram, fundaram e desenvolveram a cidade, com a participação, é claro, de elementos de outras origens, tais como: alemães, ingleses e outros que, no entanto, nunca teriam trabalhado





pela cidade, senão para eles mesmos. Nessa versão, a cidade, essencialmente portuguesa, tem uma característica marcante que a difere das outras, ao menos dentro do Estado do Rio Grande do Sul: sua vocação marítima. Essa “vocação marítima” e a formação portuguesa, que se tornaram o traço mais marcante da identidade rio-grandina, aparece na historiografia recente, em *slogans* de empresas privadas, no discurso do Poder Público municipal e nas falas cotidianas da população local.

O próprio inventário de bens imóveis, listados para preservação, inclui, fundamentalmente, prédios de características portuguesas e exclui, em geral, a arquitetura doméstica de origem francesa, alemã e de outras.

A metodologia deste trabalho incluiu a análise de estruturas remanescentes de paisagens pretéritas na paisagem atual, bem como o exame de fontes escritas e iconográficas.

A materialidade da cultura é a via de acesso do arqueólogo a outros aspectos da cultura. Essa materialidade é passível de observação direta em alguns casos, porém, há aqueles vestígios que foram destruídos, que foram efêmeros ou que nunca foram realizados (um projeto, por exemplo). Existem, então, pelo menos, dois modos de ter acesso à cultura material de uma sociedade que não se excluem, mas que, antes, se complementam: a observação direta e a indireta. (BRUNEAU; BALUT, 1997, p. 46-47). Nesse sentido, a análise de fotografias, mapas e gravuras da cidade foi um modo de ter acesso indireto à materialidade pretérita da cidade.

Assim, a leitura dos mapas, bem como das fotografias e demais documentos iconográficos, levou em consideração seus aspectos tanto informativos quanto de representação, já que não se trata apenas de meros registros, mas também de criação, narrativas e textos repletos de significados. Analisar imagens é discutir a produção do olhar e do imaginário.

Consideradas como formas de representação do espaço, é possível, também, entendê-las como uma mediação entre a realidade e o leitor dessa realidade espacial, como uma imagem (possível) do mundo. Assim, tais imagens reproduzem um sistema de valores sociais, que são culturais e históricos. Um mapa é representação tanto quanto quadro, uma fotografia ou um texto. Ele é um objeto social, que se compõe de uma imensa rede de significações, amparada em modelos culturais.

Analisando sua localização geográfica e seus aspectos morfológicos, Rio Grande, nem de longe, se configura como um porto natural: o



canal passa próxima da margem norte da laguna, ou lagoa dos Patos, perto da cidade de São José do Norte. Assim, se a questão fosse estabelecer um porto onde haveria condições *naturais* para isso, seria lógico se o encontrasse na cidade vizinha. A própria entrada da barra, chamada, carinhosamente, “Barra Diabólica”, não favorecia, de modo algum, a instalação de um porto. As descrições de viajantes sobre as dificuldades de se chegar ao porto e as péssimas condições naturais da localidade são inúmeras.¹

As mais antigas representações iconográficas da cidade, às quais foi possível ter acesso, nos mostram uma Rio Grande que se construiu de costas para o seu porto. Uma gravura de 1750 nos mostra duas fileiras de casas, a catedral (que ainda hoje ali permanece), tudo voltado para a terra, mesmo que, perto da pequena praia, onde hoje se encontra a praça principal da cidade, exista um pequeno trapiche com alguns barcos (figura 1). Mesmo o ponto de vista daquele que registrou essa paisagem é revelador: ele olha e apresenta a cidade de frente, com seu porto ao fundo. Trata-se de uma representação que mostra a clara hierarquia de espaços: o mais importante, em primeiro plano – a catedral e, em primeiríssimo plano, à direita, a representação do forte Jesus Maria José – marco de fundação da cidade – e o menos importante, o porto e seus barcos, em segundo plano.

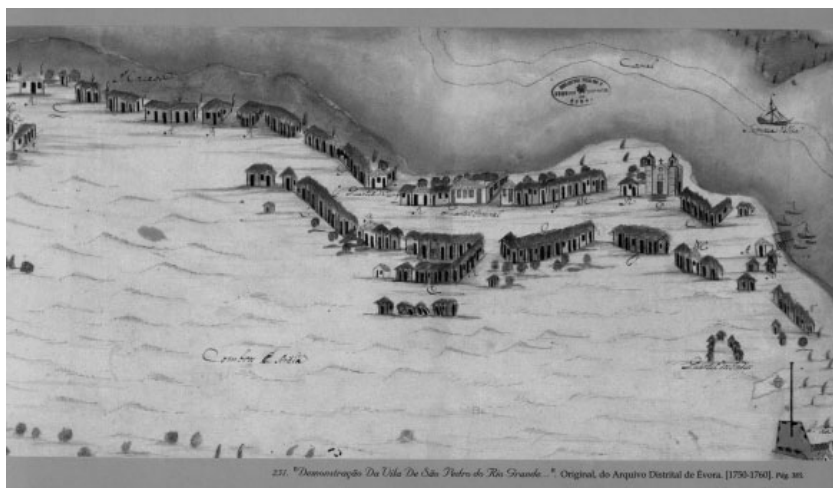


Figura 1: Croqui cartográfico da Vila de São Pedro do Rio Grande: 1750-1760

Fonte: Acervo da autora.



Quase cem anos depois, e uma década e meia após a abertura dos portos, em 1824, Debret pinta uma aquarela do porto de Rio Grande (figura 2). O que vemos aqui é uma representação da cidade muito distinta, pois ela é apresentada em posição inversa à de 1750. Em primeiro plano, estão os barcos, e, logo a seguir, o porto. A catedral permanece em situação de destaque, no centro da representação, logo após a praia, de costas, como foi construída. Depois veem-se as casas e, finalmente, as dunas de areia. A hierarquia inverte-se.



Figura 2: Representação do Porto de Rio Grande por Debret

Fonte: Acervo da autora.

Em 1829, a planta da cidade é também apresentada em posição inversa à de 1750 e mostra, em seu primeiro plano, a zona portuária: a rua Nova das Flores, onde se localizavam as casas comerciais de importação e exportação; agora, está no centro da imagem (figura 3). Logo a seguir, vêm a área da alfândega, o trapiche e, depois, ainda a catedral e a capela de São Francisco.

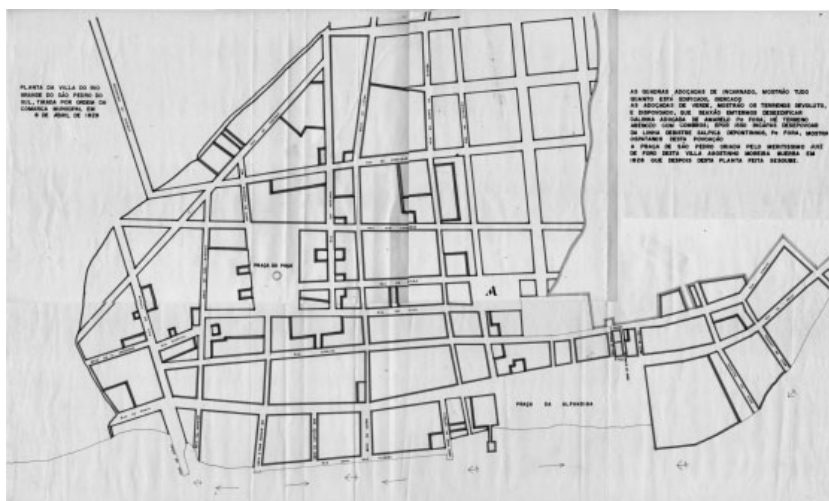


Figura 3: Cópia da Planta de 1829
 Fonte: CDH/Furg.

Nessa planta, as linhas em vermelho mostram as áreas construídas, e as verdes, os terrenos devolutos. A linha amarela limita a área de dunas de areia.

Poder-se-ia pensar que se trata do próprio desenvolvimento das técnicas cartográficas que permitiam, então, uma reprodução mais fiel e *natural* da paisagem. Engano! Veja-se essa mesma planta georreferenciada: ela fica invertida (figura 4).



Figura 4: Planta de 1829 georreferenciada
 Fonte: CDH/Furg.





Em 1835 foi feita uma nova planta, mostrando a parte edificada da cidade, servindo de projeto ao novo arruamento, corrigindo, em parte, o que já existia. O eixo central desloca-se, agora, um pouco para a direita. O centro da representação é o novo prédio da alfândega, recém-construído sobre o antigo trapiche. Ao mesmo tempo, estão ressaltadas as modificações na orla portuária, ou seja, o porto é a “estrela” principal.

De fato, a abertura dos portos, em 1808, significou para a cidade de Rio Grande o florescimento de uma navegação mercantil, que resultou em grande prosperidade econômica ao longo do século XIX e princípios do século seguinte. Torres (2010), enfatiza:

Veleiros e vapores mercantes, provenientes de diversas partes do mundo, chegavam ao porto do Rio Grande, partícipes do quadro internacional de circulação de mercadorias, engendrado pelo desenvolvimento da economia moderna. Em função do desenvolvimento dessas práticas mercantis, a zona portuária da cidade do Rio Grande se tornou palco de intensa atividade, onde circulavam – além de embarcações e mercadorias – também artistas, imigrantes, artífices, modas, contrabandos, ordens religiosas, letras de câmbio, livros, idéias. (p. ...).

Assim, buscou-se identificar diferenças e semelhanças na cultura material que expressassem manifestações identitárias, buscando os ritmos, a organização e o modo de viver dos diferentes grupos.

O primeiro elemento analisado foi a arquitetura. A proposta metodológica de análise das estruturas arquitetônicas consistiu em buscar os grupos envolvidos na elaboração do desenho arquitetônico dos prédios e de seus usos, buscando as ideias e valores que estavam fundamentando a identificação e delimitação dos espaços.

Mas não foi só isso: ao se analisarem os diferentes prédios do centro da cidade, percebeu-se que a maior parte deles, até o penúltimo quartel do século XIX, foi construída em estilo comumente conhecido como *colonial português* (figura 5). No entanto, sabíamos que um grande contingente de imigrantes europeus estava estabelecido ali. Mas onde? E, sobretudo, de que forma? A pergunta que se colocou imediatamente foi como aqueles alemães, ingleses, franceses, entre outros, representaram a si próprios? Como a sua identidade poderia estar marcada na paisagem, por meio de que símbolos ou de que práticas?



Figura 5: Cais da Boa Vista, atual Rua Riachuelo. Terceiro quartel do século XIX
Fonte: Biblioteca Riograndense.

De maneira semelhante, a arquitetura da área central da cidade, do fim do século XIX, correspondente a um período de prosperidade e euforia locais, esteve caracterizada por edificações de estilo eclético, com o uso de frontões, compoteiras e muitos elementos decorativos na fachada. No entanto, não demonstram distinções importantes que pudessem nos levar a considerar como meios de manifestação identitária (figura 6).



Figura 6: Rua central da cidade de Rio Grande com sua arquitetura eclética
Fonte: Biblioteca Riograndense.



Tentando compreender essa situação, verificamos os livros de impostos prediais, buscando saber onde estavam estabelecidos esses imigrantes. Surpresa! Com raríssimas exceções, os prédios (ou ao menos os impostos prediais), faziam referência a pessoas cujo nome era de origem portuguesa. Mais uma vez, a pergunta se colocou: onde estavam esses imigrantes? Como eles representaram a si mesmos? Como sua identidade poderia estar marcada na paisagem?

A pesquisa foi, assim, orientada nesse sentido, e tivemos a imensa sorte de encontrar documentos relativos ao Censo de 1888. Ali buscamos a localização das casas, a sua forma, se eram térreas ou sobrados. Procuramos saber quem morava em cada uma, que origem tinham, que religião seguiam, que profissão exerciam. Aos poucos, obtivemos algumas respostas.

Os dados demonstraram a existência de um grupo de estrangeiros (alemães, ingleses e franceses, principalmente) que se estabeleceu na área central da cidade, em sobrados. Essa área central é onde estão/moravam os comerciantes. É ali também que se concentravam os protestantes. Estavam, nesse local, portanto, os nossos imigrantes escondidos. Por que parecem quase invisíveis?

Antes de tentar responder a essa pergunta, quero colocar mais alguns elementos.

Foi no fim do século XIX que se estabeleceram as primeiras indústrias na cidade de Rio Grande pelas mãos de imigrantes.

Em 1900, a população do município era de 24.653 habitantes. Rio Grande tinha, então, 4.199 prédios em seu perímetro urbano e em torno de mil estabelecimentos comerciais. Em 1908, o jornal *Times* previa que o porto de Rio Grande seria um dos mais importantes da América do Sul. (PAULITSCH, 2003).

Foi nessa virada de século que a industrialização teve um forte impulso na cidade. Nesse momento, a paisagem ficou marcada fortemente por símbolos identitários dos imigrantes que, até então, pareciam invisíveis (figuras 7, 8, 9 e 10).



Figura 7: Fábrica de Tecidos Rheingantz
Fonte: Internet (2010).



Figura 8: Cassino dos Mestres. Edificação integrante da vila operária da Fábrica de Tecidos Rheingantz
Fonte: Internet (2010).



Figura 9: Casa de veraneio no Balneário Cassino – Rio Grande
Fonte: Internet (2010).



Figura 10: Casa de veraneio no Balneário Cassino – Rio Grande
Fonte: Internet (2010).

Essas marcas surgem, sobretudo, na arquitetura fabril e nas casas dos principais industriais e comerciantes locais, sejam eles imigrantes, sejam eles nascidos no Brasil, mas de origem europeia e não portuguesa. A paisagem se transforma, sobretudo, fora do centro. Por que isso acontece? O que mudou?

Sabemos, seguindo Tilley (2006), que a paisagem é construída e modificada de acordo com as circunstâncias individuais, sociais e políticas particulares. Sabemos, também, que a identidade é sempre fluida e mutável, sujeita a constantes reformulações e de acordo com diferentes circunstâncias. Isso significa que as identidades só podem ser compreendidas dentro das relações de poder, dominação e resistência.

Os processos migratórios, típicos da modernidade, forçam os grupos a buscar uma identidade, que pode ser algo totalmente escolhido, construído e manipulado. Um grupo pode adotar símbolos que o diferenciem de outros ou, pelo contrário, e dependendo de sua posição nas relações de poder, pode tentar diminuir ou apagar as diferenças entre si e em relação aos outros.

Tudo nos leva a crer, assim, que os comerciantes-imigrantes, até um determinado momento, procuraram construir uma identidade adotando símbolos que pudessem diminuir as diferenças entre eles e a população local de origem portuguesa. Com a industrialização da cidade,



essa construção se faz de modo inverso, marcando as diferenças com relação aos luso-brasileiros.

Algo mudou no âmbito das relações de poder. A hegemonia econômica desse grupo torna-se evidente na virada do século, mas, politicamente, ainda se trata de um grupo com pouco poder.

A pesquisa está em andamento e não se conseguiu, ainda, responder plenamente às questões propostas aqui. No entanto, considero que temos, em mãos, um caso interessantíssimo de construção, manipulação e representação de identidades que o conceito de paisagem está nos ajudando a entender.

A paisagem não apenas se modificou no decorrer do tempo, como também se constituiu em diversas paisagens justapostas, construídas pelo olhar, pelos sonhos que as povoaram, vale dizer, por valores culturais e históricos. A paisagem é também um objeto social, que se compõe de uma imensa rede de significações, que nos cabe interpretar.

A oposição entre natureza e cultura, típica da cosmologia ocidental moderna, aparece no discurso historiográfico atual sobre a cidade e nas representações da identidade do cidadão rio-grandino: estar voltado para o mar, ter uma vocação marítima e uma ascendência portuguesa é uma identidade percebida como uma realidade natural. A reprodução dessa concepção contribui para a manutenção de um sistema de poder, no seio do qual diferentes grupos buscam controlar uns aos outros. Convém, aqui, lembrar que a sociedade ocidental, organizada a partir de princípios hierárquicos, promove a ideia de que toda diferença é necessariamente uma desigualdade. Essa questão parece-me importantíssima já que qualquer identidade tenderá a ser entendida em termos de inferioridade ou superioridade. A apresentação da cultura (como se fosse natureza) “equivale a negar que os grupos sociais sejam responsáveis pelas classificações, assim sustentando a reprodução cultural e resistindo a tentativas de inovação”. (BURKE, 2003, p. 80). Assim, a naturalização de traços identitários é um mecanismo que, associado ao esquecimento que integra qualquer processo de construção de memórias, atua no sentido de favorecer o poder de determinados grupos sobre outros, impedindo os subordinados de buscar alterações de *status quo*.

Agradecimentos

Sou imensamente grata aos meus bolsistas Maritza Dode e Luiz Alberto da Rosa, discentes do curso de Arqueologia da Furg, pelo intenso trabalho no levantamento de fontes e na discussão deste trabalho.



Notas

¹ Por exemplo, Saint Hilaire (1974); Hörmeyer (1986); Seidler (apud NEVES; TORRES, 1995).

Referências

BENDER, B. Time and Landscape. *Current Anthropology*, n. 43, p. 103-112, 2002.

BENDER, B. Place and landscape. In: TILLEY, C. et al. (Eds.). *Handbook of material culture*. London: Sage, 2006, p. 303-314.

BRUNEAU, P.; BALUT, P. *Artistique et archéologie*: memoire d'archeologie generale. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbone, 1997. p. 37-44. v. 1-2.

BURKE, P. *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

HÖRMEYER, J. *O Rio Grande do Sul de 1850*: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil Meridional. Porto Alegre: Luzzato; Eduni-SUL, 1986.

TILLEY, C. Introduction: identity, place, landscape and heritage. *Journal of Material Culture*, n. 11, v. 7, 2006.

NEVES, F. A.; TORRES, L. H. *Visões do Rio Grande*: a cidade sob o prisma europeu no século XIX. Rio Grande: Ed. da Furg, 1995.

PAULITSCH, V. *Rheingantz*: uma vila operária em Rio Grande – RS. 2003. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2003.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820 – 1821*. São Paulo: Edusp, 1974.

TORRES, R. “...e a modernidade veio a bordo”: arqueologia histórica do espaço marítimo oitocentista na cidade de Rio Grande. 2010. Dissertação (Mestrado) – UFPel, Rio Grande, 2010.

Sites:

<www.riograndeemfotos.com.br>. Acesso em: 2/5/2010.

<www.defender.org.br>. Acesso em: 3/3/2010.